

Rachel de Queiroz: uma escritora além de seu tempo

Rachel de Queiroz: a writer ahead of her time

Camila Maiara Costa Oliveira Prado¹

Lídia Carla Holanda Alcantara²

Resumo: O presente artigo busca trazer um recorte da vida e da obra da escritora nordestina Rachel de Queiroz, e responder: quem foi esta mulher, a primeira a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, descendente de José de Alencar, e que ficou nacionalmente conhecida aos vinte anos? Para este recorte contamos com as considerações tecidas por Luís Buenos (2006), Alfredo Bosi (2012), Duarte (2005), Coelho (2002). Justifica-se o estudo ao revisitarmos o trajeto trilhado pela escritora em diferentes linguagens.

Palavras-chave: Rachel de Queiroz; Mulher na literatura brasileira; Escritora nordestina.

Abstract: This article aims to give an overview of the life and work of the Brazilian writer Rachel de Queiroz, answering the following question: who was this woman, the first to be part of the Brazilian Academy of Letters, a descendant of José de Alencar, and who became nationally known at the age of twenty? For this section we rely on the considerations made by Luís Buenos (2006), Alfredo Bosi (2006), Duarte (2005), Coelho (2002). The study is justified when we revisit the path taken by the writer in different languages.

Keywords: Rachel de Queiroz; Woman in Brazilian literature; North-eastern writer.

¹ Mestra em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas/PPGELL – UEPA. Professora efetiva do Instituto Federal do Pará - IFPA.

² Doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. professora efetiva adjunta da Universidade Federal do Pará – UFPA.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira é enriquecida por uma miríade de vozes distintas, e entre essas vozes destaca-se a da notável escritora nordestina Rachel de Queiroz. Este artigo propõe-se a realizar um fascinante recorte da vida e da obra dessa figura literária singular, cuja notoriedade transcendeu as fronteiras geográficas e etárias. Conquistou seu lugar na história da literatura ao se tornar a primeira mulher a integrar a prestigiosa Academia Brasileira de Letras, um feito notável que marcou o panorama literário nacional. Aos vinte anos, ela já estava imortalizada não apenas como uma escritora promissora, mas como uma força incontornável da cultura brasileira.

Nesta exploração, mergulharemos nas camadas de sua biografia, examinaremos seu impacto na literatura e desvendaremos os motivos que a tornaram uma figura tão relevante e influente. Preparando-se para um mergulho no universo literário e cultural do nordeste brasileiro, realizamos uma jornada pela vida e legado de Rachel de Queiroz.

VIDA E OBRA

Rachel de Queiroz nasceu em 17 de novembro de 1910, em Fortaleza (CE), tendo falecido aos 92 anos, em 04 de novembro de 2003, às vésperas de completar 93 anos. Além de romancista, foi cronista, ensaísta, tradutora, teatróloga e jornalista. Motivada pela seca do Nordeste, em 1917, sua família mudou-se para o Rio de Janeiro, e logo depois para Belém do Pará. Em 1919, retornaram a Fortaleza,

onde iniciou seus estudos. Mais tarde, em 1925, formou-se professora no Colégio da Imaculada Conceição. Interessada desde muito nova pelas Letras, em 1927 começou a escrever crônicas e poesias para o jornal *O Ceará*, sob o pseudônimo de Rita de Queluz, tornando-se, posteriormente, redatora efetiva. Foi nesse jornal que publicou seu primeiro romance em forma de folhetim, intitulado *História de um nome*, mas foi com a publicação de *O Quinze*, em 1930, editado pela própria Rachel de Queiroz, quando tinha apenas vinte anos, que a escritora ganhou notoriedade. O título faz referência à grande seca de 1915, a qual ela própria e sua família vivenciaram no Nordeste, o que causou sua mudança em 1917, como já dissemos, primeiramente para o Rio de Janeiro e depois para Belém.

Luis Bueno, em seu livro *Uma história do romance de 30*, fala sobre *O Quinze* e o classifica como “certamente o mais ruidoso sucesso do período” (2006, p. 124). Aliás, o autor discorre sobre o livro de estreia de Rachel de Queiroz, acrescentando que “[...] estourou no ambiente literário brasileiro, chamando a atenção de críticos, de escritores de primeiro plano e ganhando uma segunda edição logo no ano seguinte ao seu lançamento [...]” (2006, p. 124). O que chama a atenção de Luis Bueno, aliás, não é apenas o sucesso alcançado por Queiroz com esse romance, mas também, a forma como ele é construído. O autor diz que a escritora faz os leitores entrarem em contato com a seca, aproximando-se do romance naturalista e ao mesmo tempo afastando-se dele, colocando em foco não apenas a seca em si, mas também “a problemática da relação do homem com a terra” (2006, p. 125). Queiroz consegue mostrar que o sofrimento causado pela seca tem razões sociais, morais, humanitárias, e precisaria da ajuda de pessoas poderosas para ser solucionado.

Luís Bueno classifica *O Quinze* como “o grande marco da renovação pelo qual passaria o romance brasileiro da década de 30, porque foi capaz de construir uma síntese de uma série de questões relevantes” (2006, p. 132). E, apesar de mostrar que o livro desagradou a alguns críticos, como Afrânio Coutinho, talvez pela sua construção muito linear, pela aparente simplicidade, ou pela própria temática e pela construção de personagens, Luis Bueno permanece firme na opinião – a qual partilha com outros críticos também – de que *O Quinze* trouxe um “sabor tão forte de coisa nova” (2006, p. 133), fazendo-se repensar, inclusive, a posição da mulher na literatura brasileira. Isso porque o romance, o qual se duvidou em certo ponto de ter sido escrito por uma mulher, é considerado pelo autor como um “verdadeiro marco da literatura feminina ‘séria’ entre nós” (2006, p. 283). Não entraremos aqui no porquê de o autor ter utilizado o termo ‘séria’ ao lado de ‘literatura feminina’, nem o que ele quis dizer com ‘literatura não séria’, tampouco em porque se achava que uma mulher não poderia escrever um romance tão bem tecido, pois isso por si só traria debate para outro artigo. Focaremos, sim, no fato de que uma mulher, uma escritora, ganhou notoriedade em uma sociedade patriarcal.

Depois de ganhar notoriedade com *O Quinze*, tendo sido aclamada pela crítica e agraciada com o prêmio Graça Aranha da Academia Brasileira de Letras, Queiroz mudou-se novamente para o Rio de Janeiro, dedicando-se a atividades na imprensa, colaborando com jornais como *O Jornal*, *Folha Carioca*, *Última Hora*, dentre outros. Escreveu, ainda, crônicas para a revista *O Cruzeiro*, entre os anos de 1940 e 1950, onde também publicou seu outro romance-folhetim, *O galo de ouro* (1950), o qual foi publicado como livro em 1986. Além

disso, dedicou-se à tradução de diversos livros da literatura inglesa, francesa e espanhola.

Ligada à política, aderiu ao Partido Comunista na década de 30, o que lhe rendeu uma prisão. Mais tarde, desligou-se do partido e apoiou o golpe militar de 64. Seu livro *Caminho das pedras*, de 1937, é fruto dessa época de tensões políticas, e traz em seu cerne uma discussão política e feminista. Em 1932, havia publicado *João Miguel*, e depois, em 1939, *As três Marias*, sendo este último aclamado inclusive por Mario de Andrade.

Luis Bueno mostra que Rachel de Queiroz, em 1937, sofreu com as críticas negativas após a publicação de *Caminho das pedras*:

Quem for conferir O Jornal de 7 de março vai encontrar um artigo que é tudo, menos crítica literária. Assinado por um certo Luís de Mello Campos – um desconhecido, possivelmente um pseudônimo – o texto tem objetivo de não apenas desqualificar o livro, como também desautorizar a autora [...]. Diz que O Quinze era interessante, João Miguel bem pior e mesmo assim pôde contar com a benevolência da crítica, mas que Caminho de Pedras era de fato um desastre (BUENO, 2006, p. 427).

Apesar de Luis Bueno não atribuir relevância a essa publicação, dizendo que provavelmente viria de um intelectual do partido comunista, afirma que, ao desacreditar *Caminho de Pedras*, a crítica em questão não foi a única:

O livro foi no geral mal recebido – e se pode dizer mesmo que mal lido. Por ter sido entendido como romance proletário num momento em que isso parecia a muitos condenável, mera moda que já ia passando, foi tido como uma decepção e mesmo um passo atrás na obra da autora e na evolução do romance brasileiro (2006, p. 428).

No entanto, o autor nos mostra que *Caminho de Pedras* foi, apesar de tudo, “o primeiro romance brasileiro a ter como centro temático as dificuldades da militância, que seriam tão comuns no período

da abertura política do final dos anos 70” (2006, p. 431), considerando-o compatível com a vida dos brasileiros na época, com o impasse que viviam. Não havia muitos militantes, e havia inimigos de difícil reconhecimento. Um país em que “todos vão para a frente, sem saber exatamente para onde” (2006, p. 439).

Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, define *Caminho de Pedras* como

conscientemente político: a sua redação, em 36, coincide com o exacerbar-se das correntes ideológicas no Brasil à beira do Estado-Novo: comunismo [...] e integralismo. [...] É um romance populista, isto é, um romance que situa as personagens pobres “de fora”, como quem observa um espetáculo curioso que, eventualmente pode comover. Os problemas psicológicos que já tendiam a ocupar o primeiro plano em *Caminho das Pedras* fazem-no decididamente [em] [...] As três Marias (BOSI, 2012, p. 423).

Bosi assinala que se os personagens de *Caminho das Pedras* não têm seus conflitos psicológicos tão densamente explorados, ao passo que o próximo romance de Rachel de Queiroz, *As três Marias*, traz esses conflitos para o primeiro plano.

Vale ressaltar que a escritora nordestina foi premiada, também, por seu trabalho no teatro. Pela autoria de *Lampião*, em 1953, recebeu o Prêmio Saci, e por *A beata Maria do Egito*, em 1957, recebeu o Prêmio INL e Prêmios Paula Brito e Roberto Gomes.

Em 1975, publicou *Dôra Doralina*, e em 1992, *Memorial de Maria Moura*, ambos tendo personagens femininas fortes como protagonistas – como a maioria de seus romances. Talvez seja por isso que Duarte (2005, p. 105) classifica as obras de Rachel de Queiroz como “espécie de marco ou emblema do processo de emancipação social da mulher brasileira no século XX”. *Memorial de Maria Moura*, inclusive, rendeu à Rachel de Queiroz o Prêmio Camões – a primeira

mulher a recebê-lo – e o Prêmio Juca Pato, em 1993. A romancista publicou ainda, em 1998, um livro de suas próprias memórias, de caráter intimista. Adentra, antes disso, no mundo da literatura infantil, publicando, dentre outros, *O menino mágico*, em 1969, pelo qual ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura Infantil, da Câmara Brasileira do Livro de São Paulo. Em 04 de agosto de 1977 foi eleita para a cadeira nº5 da Academia Brasileira de Letras, sendo sucessora de Cândido Mota Filho, tomando posse no dia 04 de novembro de 1977. Em 1998, publicou com sua irmã Maria Luiza, um livro de memórias intitulado *Tantos anos*. Sobre esse livro, Heloisa Buarque de Hollanda fala em seu site:

A ideia expressa no início do livro é a de recusar as formas da memória heróica oferecendo duas versões – a dela e a de sua irmã, Maria Luíza – sobre os mesmos fatos. Seu projeto, também explícito, seria o de um voluntário de baixo empenho no relato destas memórias, comprometendo-se em “apenas não mentir”, legitimando assim omissões e recusando-se garantir a presença completa do conjunto de suas lembranças. Estruturado em capítulos quase autocontidos, *Tantos Anos* mistura relatos gravados, textos escritos, perfis ou mesmo crônicas já publicadas, em torno do que eleger como sendo os temas centrais de sua biografia: família, literatura, política [...].

Sempre fugindo do que é considerado comum, a própria Rachel fala em seu livro que não gosta de memórias literárias ou confissões, e promete não mentir em seu texto. Por isso chama sua irmã para ser sua parceira nessa escrita, dando assim mais credibilidade às suas histórias.

Rachel de Queiroz teve algumas de suas obras transpostas para a grande e pequena tela, o que já mostrava seu grande prestígio. *As três Marias* foi adaptado na forma de telenovela pela Rede Globo em 1980, dirigida por Herval Rossano. Em 1981, *Dôra, Doralina* estreou no cinema sob a direção de Perry Salles. Mais tarde, em 1994, é a vez

do romance *Memorial de Maria Moura* ser adaptado para a televisão no formato de minissérie.

Depois de tantas publicações, consagrações, prêmios, e de ter recebido o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (06.12.2000), Rachel de Queiroz faleceu no Leblon, Rio de Janeiro, aos 92 anos, vítima de um infarto do miocárdio, em sua casa.

Rachel de Queiroz foi uma

escritora de linhagem humanista, [...] [que revelou] em seu universo literário a crença de que o humano se caracteriza pela vida do espírito, aquela que decide, no íntimo sentir de cada um, o verdadeiro valor das coisas, pois, reduzidas a si mesmas, elas não valem nada. Consciente de que toda mudança estrutural, em qualquer sistema social, depende visceralmente de mudanças profundas na consciência ou mentalidade de cada indivíduo, Rachel cria um universo dramático, mas fundamentalmente permeado por uma intensa paixão pela vida e sede de comunhão humana (COELHO, 2002, p. 554).

Sendo assim, as obras de Rachel de Queiroz trazem em suas páginas diversas questões políticas e sociais, colocando em perspectiva as relações e consciência humanas, por meio de uma literatura carregada de significados, os quais penetram a fundo em seus intensos personagens. A escrita de Rachel de Queiroz, desde o seu surgimento até a contemporaneidade, tem sido constantemente revisitada, oferecendo-se diferentes olhares, por diferentes perspectivas e possibilitando o diálogo com outras artes e outras mídias.

Ao inserirmos o nome “Rachel de Queiroz” como tema de pesquisa, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, obtemos aproximadamente dezessete resultados, que atestam importantes estudos vinculados a diferentes vertentes.

A primeira dissertação a aparecer é intitulada *Memorial de Maria Moura: percurso crítico e representação da memória*, de Laile Ri-

beiro de Abreu, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais. O trabalho estuda justamente o romance, mas sob a perspectiva da memória, associada às diversas vozes que narram o romance.

Outra dissertação, defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, intitulada *A realização de um imaginário sobre a seca de 1915 a partir do romance de Rachel de Queiroz*, de autoria de Suelen Mariano de Sousa, trata-se de um estudo sobre o primeiro livro publicado pela escritora, *O Quinze*, que, como já dissemos anteriormente, tem como foco a grande seca do Nordeste de 1915.

Já na Universidade Presbiteriana Mackenzie, foi defendida a dissertação *Rachel de Queiroz cronista: um exame de aspectos literários e lingüísticos de sua ‘Última página’ em ‘O Cruzeiro*, realizada por Ana Roza da Silva. Esse trabalho traz uma Rachel pouco lembrada, a cronista, apesar das crônicas terem feito parte de vários anos da vida da escritora.

Na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Jerri Antonio Langaro, com a dissertação intitulada *De sinhazinha à jagunça/ de senhorinha à senhora: uma leitura de Memorial de Maria Moura e Dôra, Doralina*, traz um estudo sobre a representação do feminino na escrita queiroziana.

No universo das teses, temos o trabalho *O artesanato de si: uma leitura do devir matriarcal a partir de Rachel de Queiroz*, de Jailma Moreira, da Universidade Federal da Bahia, o qual utiliza os escritos, inclusive autobiográficos, de Rachel de Queiroz, para a realização de um estudo de gênero e sobre feminismo.

Na Universidade Estadual de Campinas, Angela Harumi Tamura defendeu tese intitulada *A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz*. Esse trabalho estuda duas das protagonis-

tas femininas da escritora, as quais são consideradas transgressoras e feministas: Maria Moura e Beata Maria do Egito.

As pesquisas aqui assinaladas são apenas um pequeno recorte dos trabalhos científicos escritos acerca da obra de Rachel de Queiroz. Significa dizer que é uma autora de extrema relevância não apenas para os leitores e críticos, mas também para a comunidade acadêmica. Ademais, o fato de ela continuar a ser estudada na Academia e em Universidades, nos faz pensar que Queiroz, sendo uma mulher e escritora bem à frente de seu tempo, segue sendo uma artista com uma vasta obra, que é constantemente lida, relida, interpretada, reinterpretada, e por ser plena de significados, os estudos sobre sua obra nunca se esgotam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na imensidão da obra de Rachel de Queiroz, permeada por sua rica trajetória de vida e expressões literárias, emerge um legado de mulheres fortes. A escritora nordestina deixou uma marca indelével na literatura brasileira, sendo reconhecida não apenas por suas contribuições como romancista, mas também como cronista, ensaísta, tradutora, teatróloga e jornalista.

O pequeno mergulho na vida e na produção literária da escritora nos leva além das páginas de seus romances e crônicas, mas a perceber que sua escrita é mais do que um reflexo de sua época; é um testemunho atemporal da complexidade humana, da luta pela emancipação feminina e das transformações políticas e sociais que marcaram o Brasil do século XX. Seu legado permanece não apenas em suas palavras, mas na influência duradoura que exerce sobre a litera-

tura brasileira e nas discussões críticas que continua a suscitar. Ao percorrer as páginas da vida e da obra de Rachel de Queiroz, somos confrontados não apenas com uma narrativa literária rica e multifacetada, mas também com a visão de uma mulher que transcendeu os limites de sua época. Queiroz não foi apenas uma contadora de histórias, mas uma arquiteta de mundos, uma voz que ecoou não apenas nos corredores da Academia Brasileira de Letras, mas nas consciências daqueles que se deleitaram com suas palavras.

Ao fecharmos este olhar sobre Rachel de Queiroz, somos instigados a considerar não apenas o que ela escreveu, mas o que suas palavras representam em nosso próprio entendimento da literatura e da sociedade. Seu legado não é apenas uma herança literária, mas um convite à reflexão constante sobre quem somos, de onde viemos e para onde estamos indo. Que a obra de Queiroz continue a inspirar leitores, críticos e pensadores, provocando diálogos e desafiando preconceitos, tal como a própria autora desafiou as convenções de sua época. Em cada página, em cada personagem, encontramos não apenas a história de Rachel de Queiroz, mas um espelho no qual vislumbramos nossa própria humanidade.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2012.
- BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. Campinas: EDUSP, 2006.
- COELHO, Nelly. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras**. São Paulo: Escrituras, 2002.

- DUARTE, Eduardo de Assis. **Classe e gênero no romance de Rachel de Queiroz**. In: _____. *Literatura, política, identidades*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2005.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de.
<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/tantos-anos/>,
acesso em 31 de outubro de 2013.
- QUEIROZ, Rachel. **Memorial de Maria Moura**. São Paulo: Siciliano, 2002.